

Editorial

Iniciamos nosso quinto editorial compartilhando com nossos autores, colaboradores e leitores a classificação da Revista-Valise pelo sistema Qualis da Capes, no qual recebemos a avaliação B5, nas áreas de Artes/Música e História. Nessa edição publicamos a lista de nomes daqueles que realizaram pareceres para as submissões enviadas nesses cinco números. A extensão da lista revela o apoio de diversos pesquisadores para além da área das Artes Visuais e a eles somos gratas pela parceria.

Esta revista é, diferentemente das anteriores, composta na sua maioria pelos trabalhos do dossiê *O desenho e seus percursos*, organizado por Flávio Gonçalves e Nico Rocha. São versões de oito falas apresentadas em seminário realizado em maio de 2012 na UFRGS, reunidas em torno dos seguintes eixos: *Desenho e Meta*, *Desenho como Ponte*, *Desenho e Transformação*, *Desenho e suas Vivências*.

É importante destacar, ainda, que um dos participantes do seminário é o artista convidado para o Ensaio Visual, Carlos Pasquetti.

Abrem o dossiê os artigos apresentados na seção *Desenho como ponte*. Temos o texto *O desenho como ponte construída com o olhar ou o casamento do analítico com o heurístico*, de Nico Rocha. Neste texto, o autor nos apresenta uma perspectiva de relação entre um mundo interior e um mundo exterior àquele que promove a ação do desenho no âmbito da prática artística, em um trânsito por personagens em primeira, segunda e terceira pessoa, como estratégia de abordagem de seu tema.

Em *A drawing does not stop: 8 notas sobre desenho como ponte*, Aline Dias utiliza o “desenho como ponte” para pensar as diferentes abordagens em desenho de artistas, de cuja produção ela esteve próxima em organizações, edições e curadorias, listando em oito notas possíveis pontes através de uma interlocução tecida nas reflexões sobre desenho da artista Roni Horn e geradas durante uma série de entrevistas a Paulo Herkenhoff.



Marina Polidoro, em seu texto *Para atravessar ou para aproximar: o desenho como ponte* explora, em princípio, de forma metafórica, as possibilidades do desenho como o transporte de um estado ideal para um espaço qualitativamente físico da linha. Linha que esboça, quase constrói e remeda coisas no interior do processo material da colagem. Desenho como forma de pensamento, inacabada e inconclusa, de entendimento do mundo.

A transcrição da fala de Mário Röhnelt no seminário, é um valioso momento, um documento no qual o próprio artista apresenta sua trajetória, comentando o seu processo de trabalho e elencando as referências e as direções tomadas na sua produção desde os anos 70. Mário Röhnelt, que inicia a carreira como desenhista, enfatiza que foi o desenho que o colocou no mundo e aponta também o quanto esta linguagem funcionou como ponte para a pintura e outros procedimentos.

Em *Desenho e Transformação*, a seção é aberta com o artigo *O que o desenho nos propicia?*, de Vinícius Godoy. Neste artigo o autor percorre momentos da história da arte, apresentando as mudanças no estatuto do Desenho, na sua relação entre autonomia e dependência de outras áreas, para refletir sobre os desenhos de projeto, sobre o quanto estabelecem uma independência externa e um fim de realização e instauram uma fenda, abertura para uma expectativa, um projeto de si, um nada, ou um outro fim/infinito em suas potencialidades.

Em *Através*, Flávio Gonçalves segue a trajetória formada pelo desenho na sua produção artística. Para isso, elenca conceitos e significações, não só dos métodos e documentos de trabalho, mas da potência poética do desenho em cada escolha na experiência de inscrição. Analisa o quanto existe uma ideia de desenho intrínseca a um determinado processo de trabalho e o quanto essa ideia aponta a forma como capturamos do mundo o que nos interessa, e assim a capacidade de trazer para o domínio do concreto o que é da ordem do desejo, por onde o desenho tensiona a fronteira entre o que é material e mental, passado e futuro. Instaurando o desenho como índice, sua ação é de desígnio, passagem. Gregário e livre, o desenho é um meio privilegiado de recomeçar.

Já Guilherme Dable, em *Documentos de trabalho: memória em movimento pendular*, propõe analisar a partir da série *Tacet*, de sua autoria, como alguns de seus trabalhos acham-se dentro do que chama de trabalhos encontrados – isto é, sem uma procura prévia. Contudo, segundo o autor, mais do que se deparar com objetos que desencadearão um novo projeto, é com sua memória que se encontra.



Na seção *Desenho e Meta*, o primeiro texto, *O desenho como área de cultivo*, de Lilian Maus, reflete sobre a produção artística da autora, que transita entre palavra e imagem, discutindo, desta maneira, como tal prática forma uma espécie de jardim. Para Maus, assim como o jardim, o exercício diário do desenho/escrita desencadeia acúmulos e erosões, sendo fundamental à construção de sua própria memória.

A seguir encontra-se a transcrição da fala de Teresa Poester. Em *Um roteiro visual: o desenho com via de ida e volta* ela apresenta cronologicamente os trinta e cinco anos de sua trajetória artística que, de modo geral, é desenvolvida entre o desenho e a pintura, oscilando entre abstração e figuração. Embora a artista observe que seu trabalho tenha um percurso com poucos solavancos, sua fala traz a importância da paisagem em sua produção, bem como das janelas e das grades.

Compondo ainda o sumário, encontramos os cinco artigos selecionados por meio da avaliação duplo-cega. Nesta, o primeiro texto é de Vitor Butkus. Em *Para o meu vizinho de sonhos: destinação em Leonilson*, o autor traça os conceitos de destinação e endereçamento sobre a obra desse artista, tendo como ponto referencial a exposição *Sob o peso dos meus amores*, que homenageia Leonilson.

Já em *O papel da fotografia no romance O pintor de retratos*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, Camila Gonzatto da Silva discute a importância da fotografia em *O pintor de retratos*, de Assis Brasil, investigando o papel que esta desempenha na sociedade da segunda metade do século XIX, apresentando-se, assim, como um fio condutor ideológico na referida obra do autor supracitado.

Em *A Arte e liberdade: um debate a partir do painel Os Caminhos da Liberdade de Jandira Lorenz*, Vanessa Bortucan e Sandra Makowiecky discorrem sobre o mural da série *Os Caminhos da Liberdade*, de modo a apresentar uma reflexão da relação entre arte e liberdade a partir da problemática que envolve a situação da obra. Para isso as autoras enfatizam a importância da arte como preponderante para pensar sobre a liberdade artística sob uma ótica histórica e filosófica.

Em *Mirador Urbano: observatório da cidade*, Joana Aparecida da Silveira do Amarante trata da paisagem urbana transformada em cenário através de dispositivos que mudam a percepção do olhar do transeunte ao estabelecer uma relação entre o trabalho do artista argentino Cristian Segura, *Mirador Urbano: la (ex)posición del espectador*, de 2006, com as intervenções na cidade de Genebra do cineasta Peter Greenaway, de 1994. Para isso, revisita resquícios de conceitos



como visão de pássaro, presente em pinturas de paisagem urbana como as do artista Paul Vredeman de Vries e de Fairfield Porter.

Ouvir na pele o terceiro som, de Leandra Lambert, apresenta reflexões sobre o processo artístico da autora, numa abordagem que põe em pauta a *escuta expandida*, exercida no seu deslocamento. O artigo traz à discussão conceitos de Michel Serres e Gilles Deleuze, bem como escritos de Jorge Luis Borges e Lygia Clark.

Em *Encenações Monstruosas: anacronismo no olhar para fotos de Mathew Brady*, Paulo Roberto Salvetti Jr. trabalha os conceitos de Roland Barthes, *punctum* e *studium*, a partir da obra fotográfica de Mathew Brady e de algumas atrações do Barnum's American Museum nas décadas de 60 e 70.

Por fim, como fecho deste quinto número da Revista-Valise, trazemos a tradução do texto *Os lugares da memória: a arte de arquivar e recordar*, de Anna Maria Guasch, realizada por Daniela Kern. O artigo pensa a concepção criativa de arte como arquivo e sua relação com a memória individual, cultural e histórica. Para isso, centra seu estudo em três projetos do começo do século XX – *The Arcades Project*, de Walter Benjamin; *Atlas Mnemosyne*, de Aby Warburg, e as séries fotográficas de August Sander – e avança para analisar projetos de artistas contemporâneos.

As editoras.

